

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA**

## **SAGARANA: O BRASIL DE GUIMARÃES ROSA**

**Nildo Maximo Benedetti**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação no Departamento de Letras  
Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo, para obtenção do título de doutor em  
Literatura Brasileira**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari**

**São Paulo  
2008**

A

Iran, Clara e Livia

## **MINHA GRATIDÃO**

Ao paciente e competente Prof. Luiz Roncari, pela confiança que em mim depositou.

Aos que me ajudaram a vencer mais esta etapa de vida.

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é o de demonstrar que o conjunto dos nove contos de *Sagarana* apresenta uma unidade de conteúdo. Desenvolvendo as idéias gerais de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari expostas em um curso de pós-graduação ministrado na Universidade de São Paulo (USP) no segundo semestre de 2005, foi possível concluir que uma representação do Brasil da Primeira República constitui o significado central da obra. Esta visão possibilita posicionar Guimarães Rosa entre os intelectuais que se ocuparam de um tema candente na primeira metade do século XX, o de analisar o Brasil com a finalidade de corrigi-lo. Adicionalmente, o trabalho pretende mostrar que a determinação desse significado central é indispensável para a compreensão de *Sagarana* na sua totalidade.

Palavras-chave: Sagarana, Primeira República, representação do Brasil, poder público e privado, instituições brasileiras.

## **ABSTRACT**

The objective of this work is to demonstrate that the collection of the nine *Sagarana* tales has a unified content. The book's central theme is a representation of Brazil during the First Republic. I reached this conclusion after analyzing Luiz Dagobert de Aguirra Roncari's general ideas presented at a graduate course at the Universidade de São Paulo (USP) in the second semester of 2005.

This conclusion places Guimarães Rosa amongst the intellectuals who dealt with the heated issues of the first half of the twentieth century that were focused on studying Brazil with the objective to improving the country. Additionally, this work intends to show that the awareness of that central theme is indispensable for the total comprehension of *Sagarana*.

Key words: Sagarana, First Republic, representation of Brazil, personal and public power, Brazilian Institutions.

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. DESENVOLVIMENTO	
Análises dos contos de <i>Sagarana</i> .....	14
O burrinho pedrês .....	16
A volta do marido pródigo .....	55
Sarapalha .....	80
Duelo .....	100
Minha gente .....	121
São Marcos .....	151
Corpo fechado .....	193
Conversa de bois .....	203
A hora e vez de Augusto Matraga .....	228
3. CONCLUSÃO.....	277
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	281

## 1. INTRODUÇÃO

No segundo semestre de 2005, Luiz Dagobert de Aguirra Roncari ministrou na Universidade de São Paulo um curso de pós-graduação que tinha por título *O estado da violência e a violência do Estado em dois livros-marcos de Guimarães Rosa: Sagarana e Primeiras estórias*. Os dois livros eram tidos por Roncari como pertencentes a duas fases distintas da forma de Guimarães Rosa entender e representar a violência social no Brasil. *Sagarana* seria a obra inaugural de uma primeira fase que se completaria com *Grande sertão: veredas* e *Corpo de Baile*. O curso, embora focalizasse a violência contida nas obras analisadas, tanto no plano da vida privada quanto no da vida político-institucional brasileira, evidenciou que Guimarães Rosa abordou vários aspectos inerentes ao debate que se vinha travando principalmente a partir da década de 20 no meio intelectual brasileiro, no núcleo do qual estava um projeto que tinha por meta analisar o país com a finalidade de corrigi-lo.

O trabalho que estamos propondo é o desenvolvimento das idéias gerais expostas no curso por Roncari. Contudo, como *Sagarana* e *Primeiras Estórias* pertencem, conforme se disse, a situações sociais distintas, optamos por restringir nosso estudo à primeira obra.

\*

Os contos de *Sagarana* possuem algumas características comuns, como linguagem, localização geográfica, temas que se repetem, como o da viagem, e personagens que rebatem em outras – como Manuel Timborna, de *Duelo* e *Conversa de bois*. Contudo, os argumentos das nove histórias são diferentes e, à primeira vista, não guardam nenhuma relação de interdependência; igualmente mutável de um conto para outro é a forma da narrativa: o humor do narrador de *Duelo* pouco tem ver com a seriedade do de *A hora e vez de Augusto Matraga*, e mesmo as narrativas em primeira pessoa não seguem um padrão regular – casos de *Minha gente*, *São Marcos* e *Corpo fechado*.

O objetivo deste trabalho é propor uma interpretação literária de *Sagarana* segundo a qual a obra teria um sentido geral, e todas as partes que a compõem estariam intimamente interligadas entre si e a esse sentido nuclear. Para maior rigor metodológico, essa demonstração será desmembrada em duas proposições. A primeira é que as novelas de *Sagarana*, tomadas em seu conjunto, podem ser coerentemente interpretadas como uma representação do Brasil da Primeira República. A segunda é

que a determinação da unidade de conteúdo de *Sagarana* é imprescindível para a compreensão da obra na sua totalidade, e a análise de qualquer um dos contos separadamente, sem uma visada da obra no seu conjunto, corre o risco de cobrir apenas parcialmente os aspectos significativos do livro e do conto focalizado.

\*

Este trabalho procura somar-se à tendência da crítica de analisar a unidade de sentido de cada um dos livros do autor.<sup>1</sup> A contribuição desse conjunto de trabalhos está em tornar mais articulada a passagem – mediada em maior ou menor grau na obra de Guimarães Rosa – entre a realidade geográfica e humana do sertão e os grandes temas da literatura universal. No meio estaria a representação do Brasil, e é por esse caminho que este trabalho envereda, procedendo à leitura formal dos contos segundo duas orientações: uma analítica, que utiliza referências à cultura literária e filosófica do Ocidente, à mitologia e à psicanálise, e outra que se vale do chamado “pensamento social brasileiro”, que tem em Oliveira Vianna, Paulo Prado, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda seus representantes mais significativos em *Sagarana*.

Essas duas totalidades aparecem formalmente distintas no texto rosiano e suscitam questões de ordem geral também diferentes. As referências à cultura literária e filosófica do ocidente aparecem como atualizações, no texto, de um repertório intelectual vasto do autor; de fato, veremos que em *Sagarana* existem referências a Homero, à Bíblia, a Virgílio, a Dante, a Poe, transfigurados com muita felicidade pela arte particular de Guimarães Rosa. Por outro lado, o que norteia este trabalho é a proposição de que o livro trata do Brasil – que foi colônia no processo de constituição do capitalismo moderno e faz parte do Ocidente e de suas instituições.

De acordo com aquilo que veio a ser conhecido como marxismo “uspiano”, o “atraso” do Brasil, grosso modo, é na verdade uma espécie de reprodução perversa do “progresso” dos países centrais, ou seja, nossa “formação incompleta”, notada no texto de *Sagarana* por meio da forte presença da violência, da ausência de instituições, da baixa coesão social, é, na verdade um produto da reprodução não-linear de uma falsa totalidade, o capitalismo que foi transplantado para o Brasil a partir das idéias liberais inglesas, francesas e americanas do Norte, oriundas do Iluminismo, que transformou as antigas formas de produção e nos fez “desterrados em nossa terra”, como mencionado por Sérgio Buarque de Holanda no período que abre *Raízes do Brasil*. Como o processo

---

<sup>1</sup> Este e os próximos cinco períodos foram elaborados a partir das considerações de Milton Ohata na ocasião da arguição deste trabalho de doutoramento.

civilizador não se estende linearmente do mesmo modo por todo o planeta, nosso “atraso”, sendo “atraso”, é a consequência dos impasses do progresso e, em última análise, do desenvolvimento desigual do capitalismo, cujos efeitos se mostram ainda hoje – “a combinação de latifúndio e trabalho compulsório atravessou impávida a Colônia, Reinados e Regências, Abolição, a Primeira República, e hoje mesmo é matéria de controvérsia e tiros.” (SCHWARZ, 2000, p. 25) –, enquanto a falta de coesão social poderia ser vista como o corolário da contradição entre as idéias racionalistas liberais ocidentais e a instituição verdadeiramente nacional, a escravidão – esta acompanhada da prática do favor que envolvia o latifundiário e seu dependente não escravo –, contradição apontada por Roberto Schwarz:

Em suma, se insistimos no viés que escravismo e favor introduziram nas idéias do tempo, não foi para as descartar, mas para descrevê-las enquanto enviesadas – fora de centro em relação à exigência que elas mesmas propunham, e reconhecivelmente nossas, nessa mesma qualidade. Assim, posto de parte o raciocínio sobre as causas, resta na experiência aquele “desconcerto” que foi o nosso ponto de partida: a sensação que o Brasil dá de dualismo e factício – contrastes rebarbativos, desproporções, disparates, anacronismos, contradições, conciliações e o que for – combinações que o Modernismo, o Tropicalismo e a Economia Política nos ensinaram a considerar. (SCHWARZ, 2000, p. 21).

Pelo que pudemos alcançar, o texto de *Sagarana* não contém elementos que possibilitem estabelecer o nexos seguro entre a bem-sucedida assimilação das obras de grandes pensadores da humanidade com a problemática assimilação das idéias liberais ocidentais no Brasil. O que nos pareceu mais apropriado – e isto veremos quando analisarmos *São Marcos* – foi estabelecer as conexões entre o pensamento universal com a cultura popular brasileira e expor a posição de Guimarães Rosa e dos modernistas sobre tais conexões; e que estas carregam a noção de que no sertão brasileiro as ações intuitivas das personagens e suas formas de integração com o meio reproduzem os arquétipos oriundos das manifestações do pensamento universal.

Na análise de *A hora e vez de Augusto Matraga* veremos que, como a obra se fecha cronologicamente com a revolução de 1930, não é possível deduzir se o texto sustentaria a asserção de que o governo getulista autoritário seria uma saída para o Brasil ou a de que estamos fadados a permanecer aquém de qualquer processo civilizador nos moldes ocidentais. Para a maior parte dos analistas do Brasil, algo em nossa formação pareceu nos colocar aquém da civilização, ou seja, falta alguma coisa ao país. Essa “falta” ora foi encarada como positiva – pelos modernistas e por Gilberto Freyre, por exemplo –, ora como negativa, casos de Euclides da Cunha e outros;



Oliveira Vianna, referência importante deste nosso trabalho, como se verá, também pode ser entendido como autor pertencente a esta segunda categoria, porque justifica a necessidade do Estado autoritário com o argumento de que a lógica do poder privado característica da formação brasileira não é capaz de criar uma nação verdadeiramente civilizada. Esse raciocínio esteve presente até recentemente em nosso pensamento social e político, e Oliveira Vianna era “autor de cabeceira” do General Golbery.

Embora os aspectos acima considerados sejam significativos para o enriquecimento da interpretação da obra e da sociedade brasileira, este trabalho não terá por escopo aprofundar-se num estudo sociológico, de acordo com o qual *Sagarana* seria tomado como fonte para o estabelecimento de leis gerais, isto é, em que a obra seria considerada como a manifestação de leis que lhe são exteriores e que dizem respeito à sociedade (TODOROV, 1976, p. 14). Tal estudo – cujo objetivo seria, primordialmente, a lei sociológica que *Sagarana* ilustraria – seria de indiscutível interesse, porque poderia dar resposta mais completa do que a apresentada na nossa análise de *São Marcos* sobre aquilo que a apropriação da cultura universal pode nos dizer sobre o Brasil, além de indicar o que a singularidade sócio-histórica do Brasil, apontada em *Sagarana*, pode nos dizer sobre a totalidade do capitalismo. Nossa tarefa, no entanto, será menos ampla: dar um passo anterior, contudo essencial, para a compreensão da obra e interpretá-la a partir de indagações sobre o que o texto significa, o que ele nos diz, executando, portanto, uma tarefa que incita à análise hermenêutica; mas, na linha de Culler, ao fazermos uma interpretação nos moldes da hermenêutica, também lançamos questões sobre o funcionamento da literatura, procurando descobrir como é obtido, do ponto de vista da linguagem, o sentido que estamos atribuindo ao texto ou como são obtidos certos efeitos nele presentes (CULLER, 1999, p. 64–6).

\*

Em nossa interpretação, a representação do Brasil levada a efeito em *Sagarana* é uma elaboração ficcional da realidade, e não um retrato estático e perfeitamente definido do Brasil. Retrato se nos afigura um termo inapropriado para o discurso que podemos visualizar no livro, porque incompatível com suas características: emprego de complicados enigmas, para cuja solução o autor põe ao alcance do leitor apenas vestígios escassos, camuflados e carregados de figuras retóricas; fornecimento de falsas pistas para a solução desses enigmas; insistência eventual em aspectos pouco relevantes e passagem sorrateira pelo que é realmente significativo; emprego simultâneo de recursos populares – linguagem e crenças, por exemplo e eruditos, com aspectos de

literatura, filosofia, religiões, política, história, etc.; fragmentação da narrativa; liberdade ou flexibilidade do foco narrativo; subversão da linguagem, a ponto tornar a leitura hermética; “A gramática e a chamada filologia ciência lingüística, foram inventadas pelos inimigos da poesia”, diria Rosa (COUTINHO, 1991, p. 71).

Além dos aspectos enumerados acima, caberia acrescentar características discursivas e narrativas sobre as quais discorreremos brevemente. No nível discursivo, a linguagem de Rosa tem forte cunho poético, dotada que é de ritmo e sonoridade peculiar, quando não se serve de recursos métricos tradicionais, que tanto podem mostrar-se nas formas gráficas que usualmente lhes são destinadas quanto entremostrarem-se disfarçados no corpo de um texto aparentemente prosaico. Ademais, o texto rosiano lança mão freqüentemente da oposição de planos isotópicos, criando jogos de contradição entre planos de significados opostos, o que faz surgir uma série de figuras de linguagem e pensamento que ora norteiam, ora desnorteiam o leitor. Quando, por exemplo, lemos em *A hora e vez de Augusto Matraga* que “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho deste jeito, sem tirar e nem pôr, sem mentira nenhuma, porque esta aqui é uma estória inventada, e não é um caso acontecido, não senhor” (p. 343)<sup>2</sup>, estamos diante de um jogo de contradição entre planos de significados opostos que equipara o plano de significado “verdade” ao plano de significado “invenção” (= ficção, irrealidade, inverdade). Logo, verdade = inverdade, o que leva o leitor a procurar “corrigir” a contradição através de uma interpretação, introduzindo um recurso típico da poesia e da prosa poética. Em *Sezão*, versão original de *Sagarana*, de 1937, a passagem acima era redigida de outra forma: “porque esta não é uma história, mas sim um caso-acontecido, sim senhor.” (ROSA, J. G., 1937, p. 415).<sup>3</sup> A modificação do texto em *Sagarana* pode ter sido feita com a intenção de criar uma contradição capaz de aguçar a curiosidade do leitor e levá-lo a pensar nas ambigüidades contidas no texto, nas personagens e na própria natureza da ficção literária.

Por outro lado, no nível narrativo, Rosa lança mão de uma atitude retórica que se aproxima muito da usada na parábola, porque leva o leitor a estabelecer correlações entre um texto “plano”, “chão”, e algum outro tipo de realidade supratextual, por meio

---

<sup>2</sup> Sempre que aludirmos a *Sagarana*, tomaremos por referência sua 15ª edição, da Livraria José Olympio Editora, de 1972; somente no caso desta edição adotaremos o procedimento simplificador de manter entre parêntesis apenas o número de página, excluindo, portanto, a citação de autor e data. Com exceção dos nomes próprios, a acentuação ortográfica será sempre atualizada.

<sup>3</sup> Nas citações de *Sezão* atualizamos a ortografia.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

